



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao programa Top Talk (CCTV 1 e CCTV News)

Pequim-China, 19 de maio de 2009

Jornalista: Senhor Presidente, muito obrigado por conceder outra entrevista, quatro anos depois. Realmente gostei da última entrevista. Esta vez temos um pouco mais de tempo, comparado com a última vez, quando tivemos de 20 a 25 minutos, e temos mais perguntas. Minha primeira pergunta, como na última vez, mais uma vez tem a ver com o futebol. Futebol é um esporte muito popular na China, em especial o futebol brasileiro. Na Copa de 2006, quando a Seleção brasileira foi eliminada nas quartas-de-final, muitos chineses choraram, ficaram muito tristes com o resultado. E para 2010? Sei que o senhor é um torcedor da Seleção e um especialista. Qual é sua expectativa para a próxima Copa do Mundo?

Presidente: Nós, brasileiros, estamos sempre acreditando que o Brasil chega à final e que o Brasil pode ser campeão do mundo. Isso é uma doença para os brasileiros, uma crença muito forte. Entretanto, nós também sabemos que o futebol evoluiu no mundo inteiro.

Hoje quando se assiste a um jogo de futebol no Japão, quando se assiste a um jogo de futebol em qualquer país europeu, percebe-se que os jogadores do mundo inteiro estão jogando naqueles países. São os franceses, os brasileiros, os africanos, os argentinos, os colombianos, os japoneses. Na verdade, a coisa mais globalizada no Planeta é jogador de futebol e, portanto, todo mundo aprendeu mais, todo mundo melhorou, e a Copa do Mundo está cada vez mais difícil. O Brasil sempre leva uma vantagem de ser um país onde o futebol está no sangue das pessoas, ou seja, nós já nascemos futebol, nós vivemos futebol 24 horas por dia.



Eu penso que Brasil tem sempre uma boa expectativa, eu sou muito otimista. A Seleção brasileira, neste momento, está em um processo de renovação, mas a capacidade de produzir jogadores de futebol no Brasil é muito grande. É uma pena que hoje, com 18 anos, o jogador nem está bem formado e já está viajando para a Europa, já está exportado para outro país que paga melhor. Mas de qualquer forma o Brasil estará bem na Copa do Mundo. O Brasil estará entre os finalistas da Copa do Mundo, eu não tenho dúvida disso.

Jornalista: O senhor fala na final. E quanto ao título para o Brasil na próxima Copa, na África do Sul?

Presidente: Nós temos tudo para conseguir o campeonato. Se nós analisarmos o futebol mundial nesse momento, você vai perceber o seguinte: a Inglaterra tem os melhores times, hoje, jogando futebol. Tanto é que três times ingleses foram para a final da *Champions League*. Entretanto, quando monta a Seleção da Inglaterra, percebe-se que a maioria dos jogadores não era inglesa, ou seja, não são convocados para a Seleção inglesa. Hoje nós temos a Seleção espanhola que está jogando razoavelmente bem, que tem possibilidade. Mas eu acho que sempre há possibilidade de Brasil, Argentina, Itália e Alemanha chegarem ao final de uma Copa do Mundo, sempre há possibilidade. E dentre esses países, o Brasil tem mais vantagens do que eles. Vamos ver se nós temos chance, agora em 2010.

Jornalista: Como na última vez, o senhor mostra ser um grande especialista. Na última vez, perguntei se o senhor preferia ser presidente ou treinador da Seleção brasileira. Como avalia a performance do técnico Dunga? O senhor acha que ele tem condições de liderar a equipe a uma final e ao título?



Presidente: Primeiro, é melhor ser presidente do que ser técnico, porque técnico de futebol só tem valor se o time estiver ganhando, e a torcida xinga muito. O presidente, as pessoas respeitam mais.

Eu acho que o Dunga, embora não tenha experiência de técnico, foi um jogador muito importante na Copa de 1994. Ele foi o capitão do nosso time. Ele é um homem sério. Se a gente for analisar do ponto de vista do perfil de um técnico profissional, ele não é o mais qualificado para ser o técnico da Seleção brasileira. Nós temos outros técnicos mais profissionalizados do que ele. Entretanto, ele tem liderança sobre a equipe. E em uma Seleção que convoca muita gente famosa, que ganha muito dinheiro, às vezes a liderança do técnico é muito importante, porque você está lidando não com cidadãos comuns, você está lidando com jovens pobres que ficaram muito ricos, que falam duas línguas, que ganham muito dinheiro e que, portanto, têm um padrão diferenciado na relação com as pessoas consideradas inferiores, do ponto de vista da fama. O Dunga conseguiu essa respeitabilidade. Portanto, eu acho que ele está indo bem na Seleção brasileira.

Jornalista: Soube que muito recentemente o senhor convidou Ronaldo para visitá-lo em seu gabinete. Conte-me algo sobre ele, que é uma grande estrela aqui na China. O senhor acha que ele tem condições de integrar a Seleção brasileira na África do Sul?

Presidente: Vai depender dele. Vai depender dele porque, veja, ele é um menino que tem 32 anos de idade. Se a gente for analisar a vida de um atleta, ele já pode ser considerado velho para a Seleção brasileira. Agora, nós temos que levar em conta o seguinte: ele é um jogador totalmente diferenciado. Ele foi três vezes o melhor jogador do mundo. Ele foi artilheiro por todos os times em que ele passou. Ele teve um problema, ficou um tempo parado, agora voltou a jogar bola. Eu estive com ele esses dias em São Paulo, e eu disse para ele que



voltar para a Seleção ou não, depende muito dele. Se ele se dedicar no ano de 2009, se preparar, treinar corretamente e colocar como objetivo de vida chegar à Copa do Mundo, eu penso que o técnico terá muita dificuldade em não convidá-lo para a Seleção brasileira, de não convocá-lo para a Seleção brasileira. De qualquer forma, vai depender somente dele. Agora, eu acho que ele tem as qualidades, qualquer time do mundo gostaria de ter um jogador da qualidade do Ronaldo. Agora, vai depender da vontade dele, da disposição dele, de treinar e de se dedicar profissionalmente. Ele está jogando no meu time agora. Então eu estou muito feliz porque ele tem feito uns gols, acabamos de ser campeões de São Paulo com um gol do Ronaldo. Então é muito importante, para mim, pessoalmente, e para o meu time de futebol.

Jornalista: No Brasil são tantas as estrelas, tantos os jogadores de primeira linha do mundo... Mas recentemente o senhor recomendou aos jogadores do time brasileiro que aprendessem com o jogador argentino Messi. Por que o senhor fez essa recomendação? Isso quer dizer que a Argentina é melhor que o Brasil?

Presidente: Não, não. Veja, é porque o torcedor de futebol, o cidadão que está sentado na arquibancada, ele às vezes fica feliz se o time dele não ganha, mas ele percebe que os jogadores correram, que os jogadores se esforçaram, que os jogadores suaram a camisa. Eu fiz essa crítica depois de um jogo da Seleção brasileira em que ninguém tinha feito nada. Parece que os jogadores estavam imobilizados dentro do campo, e quando você vê o jogo da Seleção argentina, você percebe que os jogadores se matam dentro do campo, correm o máximo possível. É isso que agrada a um torcedor, é isso que agrada a quem pagou ingresso para ver o jogo no estádio ou para quem está na televisão. Nós queremos ver e saber que as pessoas estão animadas, motivadas, esforçadas, coisa que de vez em quando não acontece. De vez em



quando o jogador fica passeando dentro de campo, e isso não agrada a mim e não agrada a nenhum torcedor brasileiro. Nós queremos que eles corram, que façam gols e que ganhem todos os jogos. Lamentavelmente, nem sempre é possível.

Presidente: Seu conselho vale também para a Seleção chinesa, que às vezes demonstra preguiça, falta de concentração. O senhor vai falar de futebol com as autoridades chinesas, como o presidente Hu Jintao ou o primeiro-ministro Wen Jiabao?

Presidente: É muito difícil eu conversar com alguma pessoa e não falar de futebol. Mesmo quando o assunto é economia, mesmo quando o assunto é desenvolvimento, mesmo quando o assunto é balança comercial, mesmo quando o assunto é crise econômica, sempre tem que ter uma pitadinha de futebol.

Até porque eu fiquei muito impressionado com as Olimpíadas aqui na China. Eu acho que a China deu um exemplo ao mundo de que olimpíada não é uma coisa só de países europeus ou de países como os Estados Unidos, as Olimpíadas podem ser feitas em outros países. É por isso o Brasil esta reivindicando sediar as olimpíadas em 2016, porque nós queremos fazer uma grande Olimpíada e nós achamos que o esporte faz parte da nossa vida.

Por exemplo: a Seleção masculina da China pode não ser tão boa, mas a Seleção feminina da China é muito competente, eu já a vi jogar em algumas Copas do Mundo... As mulheres chinesas são, são, são... Brigam dentro do campo, correm, se esforçam... E por isso chegaram a uma posição de destaque no futebol feminino.

Acho que, por exemplo... Eu fiquei muito emocionado! Aquela abertura da Olimpíada foi uma coisa assim, sabe, que eu agradeço a Deus e ao presidente Hu Jintao por ter sido convidado para assistir àquele espetáculo



extraordinário, que eu acho que quem viu não vai esquecer nunca mais. Foi uma coisa extraordinária.

Depois, a performance da China nas Olimpíadas. Eu penso que a China serviu de exemplo para que outros países em desenvolvimento possam reivindicar para si o direito de fazer uma Olimpíada. Por isso o Brasil está brigando neste momento. Espero contar com o apoio dos chineses para que a gente possa sediar no Brasil as Olimpíadas de 2016.

Já vamos sediar a Copa do Mundo em 2014. A Copa do Mundo de 2014 será no Brasil e, logo em seguida, nós queremos fazer as Olimpíadas.

Jornalista: Pelo menos o senhor tem meu apoio pessoal para a candidatura do Brasil em 2016. Se a China pôde ter Jogos bem-sucedidos, o Brasil também pode. China e Brasil usam o termo Brics, assim como a Índia e a Rússia. Notícias de imprensa indicam que o senhor lidera nesta viagem uma delegação de mais de 200 pessoas, 240 pessoas, a maioria das quais empresários. Sobre o que os dois países vão conversar? Já entrevistei muitos chefes de Estado em visita à China, e 240 empresários formam uma grande delegação, e isso representa uma visita importante. Estou certo?

Presidente: Está certo. Está certo porque para o Brasil a China é um parceiro estratégico, e eu tenho certeza de que para a China o Brasil é um parceiro estratégico. Nós temos muita complementaridade a ser colocada em prática nos próximos anos.

Eu tenho conversado muito com o presidente Hu Jintao. Nós temos nos encontrado em vários fóruns internacionais. Eu tenho pedido para que os empresários brasileiros visitem muito a China, e tenho pedido para que os empresários chineses visitem muito o Brasil, porque nós temos muita coisa em comum: nós somos dois países grandes, dois países em desenvolvimento, dois países que ainda têm problemas sociais enormes, problema de pobreza e,



portanto, nós estamos neste momento melhores do que os países ricos para enfrentar a crise, porque nós temos reservas, porque nós temos um mercado interno extraordinário. E nós precisamos saber em que o Brasil pode ajudar a China e em que a China pode ajudar o Brasil. O que o Brasil pode vender para a China? O que o Brasil pode comprar da China? O que nós poderemos formar de parcerias entre empresas brasileiras e empresas chinesas, para que a gente possa produzir muito mais para o Brasil e para a China?

Por exemplo, eu saio desta viagem com um acordo firmado entre o Banco de Desenvolvimento brasileiro e o Banco de Desenvolvimento da China, entre o Banco do Brasil – que é um banco público, brasileiro – e o Banco da China, entre banco privado brasileiro e o Banco da China. Eu saio daqui com um acordo da Petrobras com o Banco de Desenvolvimento da China. Então, nós temos coisas extraordinárias de complementaridade. Sobretudo, se nós levarmos em conta o setor siderúrgico, se nós levarmos em conta a indústria petroquímica, se nós levarmos em conta a questão energética, se nós levarmos em conta a questão da segurança alimentar. O Brasil é um país que tem capacidade extraordinária de produzir tantos alimentos quanto os chineses precisam para poder atender à demanda de 1,3 bilhão de habitantes.

Eu penso que a China já é hoje o maior parceiro comercial do Brasil, mais do que os Estados Unidos. Isso é uma coisa extraordinária. Essas coisas só podem acontecer na medida em que você tenha produtos para vender e na medida em que você tenha uma relação de confiança. Eu tenho uma grande relação com a China; tenho uma boa relação de amizade com o presidente Hu Jintao; o meu partido tem uma boa relação com o Partido Comunista Chinês. O Brasil precisa da China e a China precisa do Brasil. Então, nós precisamos cada vez mais ser amigos. Nós temos a mesma posição com relação à Organização Mundial do Comércio, nós temos a mesma posição com relação ao G20 – que discute a crise econômica. Na verdade, na verdade, China e Brasil se transformaram em dois grandes parceiros, com duas economias



pujantes, com duas economias crescendo. E eu acho que cada vez mais nós vamos ter interferência nas decisões políticas e econômicas do mundo.

A minha idéia com esta viagem é reforçar ainda mais essa parceria com a China. Eu, por exemplo, já convidei o presidente Hu Jintao para visitar a China [Brasil] ainda este ano. É a segunda vez que eu venho à China no mandato dele e eu quero que ele vá à China – ao Brasil – para que a gente possa fazer mais parcerias. Sobretudo, nós temos que aprender uns com os outros. Nós temos que aprender, nós temos que aprender.

O Brasil é um país muito desenvolvido na agricultura. Nós temos parceria para construir aviões aqui na China. Nós agora vamos explorar petróleo no pré-sal, a 6.500 metros de profundidade, em águas profundas. É uma coisa exuberante e nós queremos a China como parceira nisso, nós queremos a China como parceira. Por isso nós precisamos cada vez mais nos entrosar para que a relação China e Brasil seja uma coisa muito sólida, muito forte, para que a gente possa ganhar mais respeitabilidade no mundo.

Jornalista: Um dia antes da sua chegada, li algumas reportagens na mídia ocidental sobre a visita. Em uma delas se falava que duas superpotências emergentes, duas potências emergentes aproximam-se, encurtam a distância de oceanos que as separam. É verdade. Mas qual é sua opinião? A China é potência emergente, pacífica, e o Brasil também. O que isso representa para o mundo, na sua opinião?

Presidente: A verdade é que China e Brasil eram dois gigantes adormecidos – pensando do ponto de vista do desenvolvimento econômico – e esses gigantes acordaram. Junto com eles acordou um outro gigante chamado Índia, e junto com eles acordou um outro gigante chamado Rússia. Então, o que está acontecendo no mundo hoje? Os países tradicionalmente considerados ricos – Estados Unidos, Japão, Alemanha, França, Reino Unido – hoje sabem que



pouca coisa pode acontecer no mundo sem levar em conta a realidade chinesa, a realidade brasileira, a realidade da Índia, a realidade da Rússia, e de outros países que pelo mundo afora começam a crescer. A África está consolidando sua democracia, cada vez mais nós temos países democráticos na África, cada vez mais a África vai crescendo. Daqui a 30 anos a África terá 700 milhões de habitantes. Desses 700 milhões, pelo menos metade virarão consumidores, e nós precisamos produzir alimentos, precisamos produzir máquinas para atender à demanda dessa gente.

Então, eu acredito que a China e o Brasil acordaram. Acordaram para o desenvolvimento, acordaram para atender aos interesses do seu povo. Nós ainda temos muita gente pobre na China, muita gente pobre no Brasil, e nós precisamos cada vez crescer mais para que esse povo conquiste definitivamente a cidadania, para que esse povo possa ter casa, possa ter televisão, possa ter geladeira, possa comer três vezes ao dia. Então, China e Brasil têm um potencial extraordinário, nós não estamos explorando ainda 5% do potencial que nós temos. Nem a China tem que ter medo do Brasil, nem o Brasil tem que ter medo da China. O que nós precisamos é conversar cada vez mais, não ter tabu entre Brasil e China, conversar tudo abertamente, porque nós temos muita gente para cuidar. O mundo hoje sabe que nós aprendemos a crescer, queremos crescer e queremos participar das decisões mundiais.

Eu ouvi o presidente Obama dizer agora na reunião em Londres, do G20, que antigamente era muito fácil tomar decisões, porque Churchill e Roosevelt se sentavam em torno de uma cadeira, tomando uma bebida quente, e tomavam as decisões para o mundo. Agora não! Agora, dois homens já não decidem mais o destino do mundo. Agora, quem quiser decidir vai ter que ouvir a China, vai ter que ouvir o Brasil, vai ter que ouvir a Rússia, vai ter que ouvir a Índia, vai ter que ouvir a África do Sul, vai ter que ouvir o México... O mundo deu um salto de qualidade. A globalização está exigindo cada vez mais que as decisões sejam cada vez mais coletivas e não mais individuais. Acabou aquela



história de ter um país hegemônico no mundo e o restante ficar subordinado. Não! Nós queremos ser iguais. Queremos ser tratados em igualdade de condições, discutir todos os temas importantes e tomar decisões coletivamente.

É assim que a gente vai garantir que haja paz no mundo. A China é um país pacífico. O Brasil é um país pacífico. A Índia é um país pacífico. Portanto, nós queremos ser tratados em igualdade de condições. Nós não queremos ser melhores do que ninguém, apenas iguais. Queremos ter os mesmos deveres e os mesmos direitos. E nós temos mais responsabilidades, porque nós temos mais gente e temos muita gente pobre ainda, que precisamos cuidar.

Por isso estou muito feliz com a minha parceria com a China. De vez em quando algum empresário brasileiro fala: “não, mas... Nós precisamos tomar cuidado com os chineses porque os chineses produzem muito”. Eu falei: “gente, nós não precisamos ter medo dos chineses. Os chineses são nossos parceiros. O que nós precisamos é discutir com eles, com seriedade, aquilo que pode, aquilo que não pode”. E eu sei que o presidente Hu Jintao tem a mesma compreensão que eu tenho, e por isso eu acredito que nos próximos anos, China e Brasil irão dar muitas alegrias ao mundo.

Jornalista: Às vezes, os desentendimentos entre povos são resultado da falta de comunicação, da falta de visitas mútuas, de contato direto, de conversas olho no olho, isso é muito importante. Parece ser esse o objetivo da visita, e que outras pessoas sigam o exemplo. Eu mesmo não conheço o Brasil, e é preciso conhecer. O mesmo vale para os brasileiros que queiram conhecer a China.

Presidente: Primeiro, você já está convidado por mim para ir ao Brasil fazer a reportagem que você quiser, sobretudo para conhecer a Amazônia, para conhecer o Pantanal, para conhecer as praias brasileiras, e para fazer uma entrevista também, não comigo, mas com o povo brasileiro.



A segunda coisa é que eu penso que o presidente Hu Jintao e eu ainda temos muita coisa para fazer. Por exemplo, nós não temos um voo direto Pequim – Brasília, Pequim – São Paulo ou São Paulo – Pequim. Nós não temos, um absurdo, eu vou conversar nesta viagem com o presidente Hu Jintao, por que a gente não tem um voo semanal entre Brasil... São Paulo – Pequim, São Paulo – Xangai ou Rio de Janeiro – Xangai? Sabe, é uma coisa assim que nós precisamos fazer para que o nosso povo tenha a possibilidade de transitar, para que o nosso povo possa comercializar.

Eu tenho certeza absoluta de que o povo chinês vai adorar o Brasil, e eu tenho certeza absoluta de que o povo brasileiro vai adorar a China. Cada vez que eu venho a Pequim, cada vez que eu vou a Xangai, cada vez que eu vou a Xian, o que a gente percebe é que a China está crescendo de forma exuberante, extraordinária, e que há muitos investimentos. É importante que os empresários brasileiros vejam isso, é importante que eles descubram, e é importante que os chineses descubram o potencial brasileiro, a quantidade de investimentos que estamos fazendo em ferrovias, hidrovias, hidrelétricas, aeroportos, portos, para que os companheiros empresários chineses se transformem em parceiros dos empresários brasileiros, criar associação entre nossas empresas. É esse um sonho que eu tenho, de fazer com que sejamos mais parceiros, mais sócios, nos bons e nos maus momentos. Agora, se os países ricos entrarem em crise, quem é que está em melhor situação? A China e o Brasil. Quem é que tem potencial de sair da crise mais rápido? China e Brasil.

Portanto, eu acho que os próprios acontecimentos estão dizendo para o governo chinês e para o governo brasileiro: não tenham medo, sejam ousados, façam as coisas que tiverem que fazer. Porque nós passamos séculos dormindo, séculos em que a gente não se desenvolveu, e agora nós aprendemos. O nosso povo está gostando de ter acesso a bens materiais que antigamente eram só de pessoas ricas, de classe média, o povo pobre está



aprendendo a gostar disso, e ele tem direito a isso. E só vai ser possível se a China crescer e se o Brasil crescer. Por isso, eu acho que Brasil e China têm um futuro extraordinário pela frente.

Jornalista: O senhor acabou de mencionar a crise. O senhor parece otimista quanto ao Brasil e também quanto à economia chinesa. Mas sabemos que essa crise é a mais grave. Por que o senhor é otimista, e pensa que o Brasil e a China podem superar esta crise? Por que nós podemos sair desta catástrofe primeiro?

Presidente: Primeiro, eu acredito que China e Brasil têm um mercado interno, um potencial extraordinário, porque nós temos que fazer muitas coisas que os outros países já tinham feito. Nós temos que fazer ferrovias, rodovias, casas, e isso tudo gera emprego e, portanto, gera desenvolvimento, fortalecendo o mercado interno, coisa que outros países ricos não têm.

Então, eu acho que essa é a principal possibilidade de China e de Brasil: é aumentar o potencial do seu mercado interno, fazer as coisas que nós precisamos fazer para crescer o mercado interno. No caso do Brasil, nós temos investimentos, até 2012, de US\$ 304 bilhões; no caso da China, a proporção é muito maior, eu ouço falar em US\$ 600 bilhões, US\$ 800 bilhões.

Eu sei que a China está fazendo muitas casas para as pessoas pobres. No Brasil, nós decidimos fazer 1 milhão de casas para as pessoas mais pobres do Brasil. Estamos fazendo muito, mas muito investimento na agricultura familiar. Nós estamos incentivando a venda de geladeira, fogão, máquina de lavar roupas, carro. Aqui na China também eu sei que estão fazendo a mesma coisa. Nos Estados Unidos muita gente já tem carro, na Alemanha muita gente já tem carro, aqui, a nossa gente não tem carro ainda, aqui a nossa gente não tem ainda geladeira. Então, o que nós precisamos é incentivar a produção desses produtos e vendê-los bem barato para que o povo possa comprar. Eu



sei que a China está fazendo isso e o Brasil está fazendo isso.

Nesse último trimestre agora, a indústria automobilística brasileira vendeu igual vendeu no primeiro trimestre de 2008, que foi um bom trimestre. Eu sei que na China também a indústria automobilística está produzindo muito. Então, nós temos essa vantagem comparativa em relação a outros países.

Agora, uma outra coisa que nós precisamos ter em conta, e que foi motivo de discussão no G-20, é que essa é uma crise diferente. Essa é uma crise em que os Estados sairão fortalecidos da crise, porque foi a crise da especulação, foi a crise da irresponsabilidade. O sistema financeiro internacional, que passou a vida inteira dando palpite de que o Estado não deveria se intrometer na administração, que o Estado tem que ser cada vez mais fraco... na hora em que quebra o Lehman Brothers, ele vai atrás de quem? Do Estado. Na hora que o Citibank tem problema, ele vai atrás de quem? Do Estado. Na hora em que os bancos do mundo, da Alemanha, da França, da Inglaterra, tiveram problema, quem é que vai salvar? É o Estado.

Então, eu penso que para a China e para o Brasil é extraordinário saber que os Estados vão voltar a ter um papel importante. Eu não quero um Estado gerenciador, eu quero um Estado que seja indutor do desenvolvimento e regulador do desenvolvimento.

O sistema financeiro não pode ganhar dinheiro especulando. Um banco tem que ganhar dinheiro investindo no setor produtivo, na produção de um copo, na produção de um carro, na produção de um sapato, na produção de um paletó, na produção de uma camisa. Ninguém pode ganhar dinheiro apenas com papel.

Então, eu penso que essa crise, embora seja uma crise difícil e profunda, eu penso que nós temos que ter claro uma coisa: ela é uma oportunidade para que a gente faça no século XXI coisas diferentes das que fizemos no século XX. Eu tenho certeza de que a China tem consciência do que fazer, e eu tenho certeza de que o Brasil tem consciência do que fazer.



Portanto, nós temos que aproveitar esta crise como uma oportunidade para sairmos dela muito mais fortalecidos do que entramos nela.

Jornalista: A crise não é também uma oportunidade para forçar as pessoas, para que as pessoas aprendam que é momento de mudar o *status quo*, o atual quadro político e econômico mundial?

Presidente: Quando, em julho do ano passado, o preço do petróleo chegou a US\$ 150 o barril, e quando a soja subiu de preço de forma extraordinária, quando a gente perguntava para qualquer governante por que estava tão caro o petróleo, por que estava tão cara a soja, por que estavam tão caras as *commodities*, eles diziam: “É a China”. Tudo era da responsabilidade da China.

Hoje nós sabemos que a especulação no mercado futuro tinha uma reserva de petróleo maior do que o consumo da China. Ora, embora a China tenha uma incidência importante, o Brasil tenha uma incidência menor... porque na hora em que o pobre começa a comer mais, tem que produzir mais alimentos; e se tem menos alimentos, vai ficar mais caro. Isso é o óbvio. Agora, a verdade é que não era a China a culpada. A verdade é que o culpado era o mercado futuro, com uma exploração, uma especulação exuberante.

E, agora, por que o petróleo voltou a US\$ 40? Por que a soja voltou à normalidade? Porque as pessoas sabem que estavam especulando no mercado futuro. As pessoas tiraram dinheiro do *subprime* americano e vieram para o mercado futuro comprar petróleo, comprar soja, comprar minério de ferro, comprar uma série de *commodities* e, agora, as pessoas estão percebendo que não pode mais ser assim. O mundo não pode viver de especulação, o mundo precisa gerar empregos, precisa pagar salário, porque é isso que garante a paz, é isso que garante o desenvolvimento.

Eu penso que essa crise nos ensinou e eu espero que sejamos grandes e, ao mesmo tempo, humildes, para aprendermos a lição.



Jornalista: Tenho a impressão de que também é o preço que países emergentes como o Brasil e a China têm que pagar pelo seu desenvolvimento, para emergirem como gigantes. Fomos ignorados por tanto tempo, por tantos anos, e agora atribuem os problemas à emergência desses gigantes, talvez seja esse o preço a pagar.

Presidente: Você veja que absurdo. Quando surgiu a crise das *commodities*, primeiro culpavam a China porque consumia demais e, depois, culpavam o Brasil por conta do biodiesel: “Ah, o Brasil está produzindo biodiesel, portanto o Brasil está pegando alimentos e fazendo combustível”, o que não era verdade, não era verdade. Só para você ter um exemplo: o Brasil tem 400 milhões de hectares de terras agricultáveis, terras boas para a agricultura. Desses 400 milhões, em apenas 1% é plantado cana-de-açúcar, apenas 1%, para produzir etanol.

Então, não poderia ser nem Brasil, nem China. Na verdade, era o sistema financeiro internacional, que vivia de especulação e mais especulação, de forma muito irresponsável. Você veja que tinha banco que aparecia entre as empresas mais ricas do mundo, as ações estavam lá, em alta. De um dia para o outro as ações caíram, ficaram desse tamanho, os bancos perderam a importância, o crédito desapareceu.

Então, eu penso que China e Brasil... Obviamente que a crise mexe com a China, mexe com o Brasil, mexe com a Índia, mas nós estamos em uma situação muito mais favorável.

Jornalista: Senhor Presidente, passemos para a última categoria de perguntas, falemos sobre o senhor. O senhor está no seu segundo mandato, com altos índices de aprovação. Pesquisas mais recentes indicam aprovação de 80%. Como o senhor consegue esses resultados?



Presidente: Trabalhando. Veja, eu tinha medo do segundo mandato. Eu tinha medo, porque no segundo mandato a gente poderia repetir as coisas do primeiro mandato, e a gente mesmo poderia ficar cansado. Então, nós tomamos a decisão de fazer um programa de desenvolvimento para o segundo mandato. Criamos o Programa de Aceleração do Crescimento, que é esse investimento de US\$ 304 milhões.

Nunca houve, no Brasil, um momento em que o Brasil vivesse com os investimentos que estão acontecendo no Brasil, hoje. Nós temos quase seis mil municípios, nós temos obras do governo federal em todos os municípios, nós temos obras do governo federal em todos os estados.

E, depois, a relação com a sociedade é uma relação muito aberta. Eu já participei, nesse período, de mais de 53 conferências nacionais – conferência de saúde, conferência de negros, conferência de índios, conferência das cidades. Então, a participação da sociedade nas decisões do governo é uma coisa muito forte. E a minha relação com a sociedade, você sabe que eu fui dirigente sindical durante muito tempo – continua praticamente a mesma com a sociedade.

Eu tinha um sonho, que era mudar a relação do Estado com a sociedade, era criar um novo paradigma, fazer com que as pessoas mais pobres se sentissem participantes do governo, que em algumas decisões importantes o povo pudesse ajudar o governo a deliberar. E isso nós temos feito através das conferências. Quando nós fazemos uma conferência de saúde, ali nós definimos a nossa política de saúde.

Este ano, agora, vamos ter uma Conferência Nacional de Comunicação. Para quê? Para que o povo brasileiro ajude a definir a política de comunicação do Brasil. E isso é extremamente importante. Dá muito trabalho, tem muito debate, tem gente muito à esquerda, gente muito à direita, mas sempre prevalece o bom senso, sempre prevalece o bom senso.



Então, eu acho que nós conseguimos construir essa riqueza, que era uma coisa que eu trazia do movimento sindical, ou seja, fazer a sociedade participar das decisões.

Por exemplo, todo dia 23 de dezembro, perto do Natal, eu tenho um encontro com os catadores de papel do Brasil. Nós temos muitas cooperativas de catadores de papel na minha cidade. Então, todo dia 23 eu me reúno com eles.

Dentro do Palácio do governo se reúne toda gente. Lá no Palácio do Planalto passam príncipes, passam reis, passam presidentes, passam primeiros-ministros, mas passam também catadores de papel, passa gente que mora em favela, passam as pessoas pobres, porque aquilo é deles, não é meu, eu estou apenas de passagem ali.

Quando eu deixar a Presidência, vou voltar a ser um cidadão comum. E eu tenho consciência: quem são os meus companheiros? Meus companheiros são aqueles que eram companheiros antes de eu ser presidente da República. É para eles que eu vou voltar. Então, eu tenho essa clareza, e isso permitiu que nós construíssemos uma relação boa com a sociedade brasileira.

Jornalista: Como o senhor enfrenta as críticas? Sei que o senhor recebe críticas. Afinal, ninguém é perfeito, certo?

Presidente: Com muita naturalidade. Eu acho que as críticas fazem parte do processo democrático. Eu acho que o papel da oposição, por exemplo, é criticar o governo, eu acho que é o papel deles. Agora, eu não tenho que fazer o que a oposição quer. Eu tenho que fazer aquilo que é o meu compromisso com a sociedade brasileira.

Então, eu penso que vivo com muita tranquilidade essa questão das críticas, essa questão dos embates políticos, a mim não me preocupa. Eu não perco um minuto de sono por causa de uma crítica.



Jornalista: Senhor Presidente, eu me lembro que na última vez em que falamos o senhor mencionou sua trajetória, de uma origem humilde, de uma infância humilde, à presidência de um grande país. Isso me fez lembrar uma entrevista que fiz também com o ex-chanceler Federal alemão, Gerhard Schröder, enquanto ele ainda estava no cargo. Ele me disse que também vem de origem humilde. No livro dele, avalia que a razão para ter êxito foi manter a fé e a dedicação ao trabalho. Qual é a sua fórmula?

Presidente: Eu fui muito amigo do Schröder, gosto dele pessoalmente. Eu tenho uma boa relação com o sindicalismo alemão desde os anos 70, portanto, eu conheço um pouco a vida do Schröder. Qual é o segredo? Ninguém é bom porque nasceu pobre, como ninguém é ruim porque nasceu rico. Na vida política, o que é importante é que você não perca nunca o seu lado.

Eu sou o presidente de todos. Eu sou o presidente do mais rico dos homens brasileiros e dos mais pobres. Agora, o que eu não posso esquecer é o lado que eu estou. O que eu não posso esquecer é para quem eu quero governar. Embora eu governe para todos, eu tenho clareza de que o público que nós precisamos atender mais é a parte pobre da população. Então, o que é importante na vida de um homem político é ele não esquecer as suas origens, não trair as suas origens, e não trair a sua classe. Ele tem que ser coerente.

Então, eu tenho clareza de que lado eu sou, na sociedade brasileira. Eu tenho clareza de qual é o meu mundo na sociedade brasileira. E por isso eu acho que o governo ganhou respeitabilidade, porque eu trato o rico bem, eu trato o grande empresário bem, mas eu trato o pobre bem. Para eu cumprimentar uma pessoa que tem Hanseníase e cumprimentar o maior banqueiro brasileiro, eu cumprimento em igualdade de condições. Mas o meu carinho maior é para aquele que mais precisa do Estado, porque é para esse que o governo precisa definir suas prioridades. E isso me dá tranquilidade. Isso



me permite deitar todo dia a cabeça no travesseiro e dormir com a tranquilidade do dever cumprido.

Jornalista: O senhor tem muitos fãs no mundo, sabia? Soube que até mesmo o presidente Obama disse que o senhor é “o cara”, que é o mais popular.

Presidente: Ainda esta semana eu conversei com o presidente Hu Jintao sobre o Obama, e nós temos a mesma opinião sobre o Obama. Eu tenho muita esperança no Obama, porque da mesma forma que o Brasil elegeu um operário, da mesma forma que a Bolívia elegeu um índio, os Estados Unidos elegerem um negro presidente é um fato extraordinário, é um fato, eu diria, sem precedentes na história americana.

Então, o Obama tem muita responsabilidade. Eu acho que o Obama vai ser um grande presidente. Eu acho que ele vai ser um bom parceiro da China, vai ser um bom parceiro do Brasil. Eu acho que o Obama precisa restabelecer uma relação de confiança com a América Latina, com a América Central, com o Caribe, restabelecer relações com Cuba, trabalhar mais intensamente para a gente garantir a paz no Oriente Médio, garantindo o Estado de Israel, o Estado Palestino, olhar um pouco mais para a África porque quem visita muito a África, hoje, é China e Brasil. E eu penso que o Obama, então, é uma boa perspectiva. Eu tenho muita esperança de que o Obama mude a imagem dos Estados Unidos no mundo.

Jornalista: Todos esperamos que sim. Mas como dizem alguns analistas, não se pode esquecer que ele é o presidente dos Estados Unidos.

Presidente: Deixe-me falar uma coisa importante. Eu sei que o Obama não terá facilidades, porque ele ganhou a eleição mas o Estado, a máquina do Estado, funciona independentemente de quem esteja na Presidência da



República. E qual é o problema nosso, quando chegamos no governo? É que você, ou domina a máquina, ou ela te domina.

Não sei se você assistiu a “Tempos Modernos”, do Charles Chaplin, em que a máquina engole o Charles Chaplin. Então, a máquina é essa coisa poderosa. Eu sei que o aparelho de Estado nos Estados Unidos é muito forte, o Pentágono é muito forte, o Departamento de Estado é muito forte.

Mas eu acho que o Obama tem todas as possibilidades de fazer isso. Eu tenho uma confiança profunda, e é o primeiro presidente americano que tem a cara da gente, tem cara de povo, mesmo, tem a cara... Então, eu sou um otimista inveterado e trabalho com muito entusiasmo.

Jornalista: Última pergunta: como está seu ombro? Sei que o senhor tem dores. O senhor tem um médico chinês, certo?

Presidente: Chinês. O doutor Gu é chinês, formado em Medicina aqui, naturalizado brasileiro, está lá há 18 anos. Mas eu tinha que operar os dois braços, eu tomei a decisão de não operar e comecei a frequentar o doutor Gu todo dia, todo dia, todo dia. Graças a Deus, faz cinco anos que eu não tenho nenhum problema no braço. Eu, agora, faço uma vez por semana, manutenção. Uma vez por semana eu faço manutenção e não tenho problema. Portanto, eu devo o meu ombro a um chinês.

Jornalista: Muito obrigado, senhor Presidente, foi um prazer conversar com o senhor.

Presidente: Um abraço e obrigado. Está convidado para ir ao Brasil.

(\$31DHJMQ)